



A ianomami "Paula" chegou ao Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, depois de ser mordida por uma jararaca. Estava grávida de oito meses. Hoje, a equipe de médicos orgulha-se de ter salvado a vida de mais um índio.

Médica troca sangue de índia ianomami. Os pajés rezam pela vida.

A índia ianomami "Paula" estava grávida de oito meses quando foi mordida por uma jararaca. Foi salva em São Paulo.

MARCOS FAERMANN

Quando a jovem índia foi mordida por uma jararaca, sua perna direita inchou desmedidamente, ela ficou pálida, e seu corpo caloroso. Até os orgulhosos pajés ianomami, da remota Serra dos Curucucus, na fronteira Brasil-Venezuela, onde isso aconteceu, sabem que existem males que pajés curam e males que médicos brancos curam. Os pajés viram que a mulher ianomami estava morrendo. E que não conseguiriam salvá-la nem com a ajuda de uma legião inteira de hekurahe, espíritos que sempre auxiliam os pajés ianomami.

Doutora Cida, médica da Funai, explicou aos pajés que era preciso trocar o sangue da índia, de nome Paula. Ela queria tirar o sangue ruim, cheio de veneno de jararaca, por sangue limpo. A doutora sabia, também, que o nome de verdade da índia não era "Paula". Yanomami nunca diz o nome para ninguém. Quem dá seu próprio nome para um estrangeiro vira panema — fica azarado e atrai todo o azar do mundo.

Não importa o nome da índia, nem sua idade (índios adultos raramente sabem sua idade). O melhor é dizer que "Paula" foi levada pela doutora Cida até a capital de Roraima, Boa Vista, de onde partiu, de avião, para Brasília, onde ela deveria ser internada num hospital, para fazer a hemodiálise. Assim, uma índia, que jamais saíra da enorme maloca de 100 metros por 20 de altura onde os ianomami vivem isolados até de outros ianomami, caía, de repente, no mundo branco.

Verdade que ela nem sabia direito o que estava acontecendo. Chegara a Brasília em estado de coma, e como se não bastasse, grávida de oito meses e meio. A situação tornou-se ainda mais complicada quando a médica soube, pela Funai de Brasília, que não havia nenhum hospital disponível em condições de fazer a hemodiálise rapidamente — o que condenava "Paula Yanomami" e seu futuro bebê à morte.

Mas havia uma esperança. A estação central da Funai, em Brasília, entrou em contato com a equipe do "Projeto Xingu", da Escola Paulista de Medicina, em São Paulo, que há 25 anos é a verdadeira retaguarda (e van-

guarda) médica dos índios do Brasil inteiro. O que não falhou em 25 anos não ia falhar para a pobre "Paula". E assim foi. Enquanto o avião se preparava para pousar no aeroporto de Cumbica, uma ambulância do Hospital São Paulo, da EPM, esperava a índia e a médica.

Exatamente da mesma forma como já acontecera, outras vezes, no mesmo aeroporto, ou em Congonhas, com outros índios: Aueti, Calapalo, Suiá, Txicão e muitos outros. Caso de emergência vai direto para o Hospital. Muitas vezes, no entanto, os médicos e enfermeiros da Escola Paulista de Medicina trazem para São Paulo índios que precisam ser examinados com cuidados impossíveis no Xingu, na Amazônia, no meio do mato.

Voltando ao caso "Paula", ao chegar a São Paulo ela logo foi para a hemodiálise. Dois dias depois de ter chegado ao Hospital, e com seu estado de saúde ainda muito preocupante, os médicos resolveram fazer uma cesariana em "Paula". Entre outras coisas, temiam que a gravidez prejudicasse sua cura. Além disso, os rins da índia estavam quase paralisados, e o feto poderia sofrer demais com a má saúde da mãe. A cesariana foi um sucesso. Nasceu um menino de um quilo e quinhentos gramas.

Com o tempo, "Paula" foi melhorando e descobriu que estava no meio dos habebe.

À medida que começou a apresentar melhoras, "Paula" descobriu que estava no meio dos habebe, os brancos. Estava num lugar totalmente habebe, não podia falar com ninguém, porque não conhece a língua dos habebe, que também não conhecem a sua. A casa habebe era muito diferente da única que conhecia. Os ianomami moram todos juntos, na grande maloca, alta, por onde entra a luz e a chuva, num buraco no alto da tenda. No hospital, ela estava sempre cercada de duas mulheres — e às vezes vinham lhe trazer remédios habebe, nas mãos de mulheres vestidas com roupas brancas. Ela mesma estava deitada numa cama, coisa que jamais fizera na vida, acostumada que está a dormir no chão ou na rede.

Nesse lugar distante, ela não estava



"Paula" e uma enfermeira do Hospital: dificuldades de adaptação aos hábitos dos brancos, como a alimentação e as roupas.

nua como em sua tribo, onde nem homens nem mulheres jamais vestem qualquer coisa. As mulheres do hospital a vestiram com uma roupa habebe. As enfermeiras do São Paulo, acostumadas com pacientes índios por causa do "Projeto Xingu", sabiam que esse era um caso difícil. Mesmo assim, procuravam sempre usar o pequeno "dicionário" com expressões ianomami, que foi afixado junto à cama da índia. Assim, podiam oferecer comida, dar medicamentos, perguntar se ela queria água. No começo, "Paula" não queria comer nada. Só comeu mamão quando lhe levaram a fruta inteira. Rejeitava quando lhe ofereciam já cortado em pedaços — quem sabe nem reconheceu a fruta? Depois, começou a comer muito mamão e banana. E desde que passou a ficar tardes inteiras com o bebê no quarto, sua cara mudou. Ficou tranqüila, até feliz, dizem as enfermeiras.

Como todos os ianomami, "Paula" detesta garimpeiros. Os caciques e pajés ensinaram aos seus que o criador dos Yanomami, Oname, escondeu a grande epidemia, o grande mal, nas profundezas da terra. Ora, quando os garimpeiros vão buscar ouro no fundo da terra, de lá emerge a "fumaça do ouro", que mata os ianomami, como um dia vai matar os brancos. E se os brancos levaram os vírus que matavam os índios, nada mais normal que outros brancos levassem a cura.

O pessoal do "Projeto Xingu" fica decididamente aborrecido quando não consegue falar com algum índio que vem se tratar aqui em São Paulo. Mas o

que fazer? O idioma ianomami é conhecido por tão pouca gente... Só no Xingu são 17 tribos: são quatro ramos linguísticos, mais duas línguas isoladas. O pessoal ainda faz proezas. Na Escola Paulista de Medicina existe uma "mentalidade xinguana" e "indígena". Em geral, uma mentalidade saudavelmente difundida. A chefe do setor de enfermagem do "Projeto", Selma Carneiro Ferreira, é uma espécie de fera em idiomas xinguanos. Ela e o médico Douglas Rodrigues estão até organizando uma espécie de mini dicionário do Xingu. Já encheram umas dez páginas.

No início, a grande batalha da operação-Xingu era a da vacinação.

Na rua Pedro de Toledo, junto às dependências do Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina, bem em frente ao Pronto Socorro do Hospital São Paulo, fica a sede do "Projeto Xingu". Na parede, um dos grandes orgulhos do pessoal: um poster do cacique Raoni mostrando o braço vacinado e rindo. O começo da operação-saúde no Xingu foi a grande batalha da vacinação. Até Raoni entrou na seringa. E é preciso levar em conta também que, quando médicos paulistas começaram a grande saga de seu trabalho com as populações indígenas, em 1965, havia relatos terríveis descrevendo como grandes epidemias haviam dizimado, na década anterior, populações inteiras do Xingu.

Hoje, toda criança que nasce no Parque tem sua ficha médica feita pelos mé-

dicos da Escola Paulista de Medicina. Quatro vezes por ano o pessoal da EPM se vai, de mala e cuia, para o Xingu. Não tem uma criança xinguana sem vacina. Um trabalho que envolve muitos especialistas — e exige muita paixão, muito coração. "Nesse trabalho", diz a enfermeira Selma Carneiro Ferreira, "a gente vira Indiana Jones".

Semanas atrás, o médico Douglas Antônio Rodrigues, coordenador do Projeto Xingu, e uma das grandes figuras da equipe do pioneiro e líder do "Projeto", Roberto Baruzzi, não gostou nem um pouquinho da tosse e da chiadeira no peito do velho Cacique Kremoro, durante uma das viagens ao Xingu. Está certo que Kremoro tem mais de 70 anos, se bem que é sempre difícil precisar a idade de um índio.

Mas esses índios, da tribo do grande Raoni, fumam um tabaco forte no cachimbo que chamam de arikokó. Dias atrás, Douglas voltou do Xingu "carregando" o velho cacique, que ficou, como sempre acontece nessas oportunidades, na "Casa do Índio", a sede da Funai, em São Paulo. Kremoro anda meio triste, com saudade da sua aldeia, no Parque. Mas Douglas não deixa que ele volte sem fazer todos os exames.

No Xingu, guias índios conduzem médicos, enfermeiros e assistentes sociais da Paulista pelas matas e quebradas. Sobem e descem o rio em seus barcos a motor. Carregam pesos enormes nas costas, enquanto atravessam pinguelas, em cima de igarapés. Cruzam com saudáveis e multicoloridas cobras. "Ainda bem", proclama Selma (que é tida como uma das mais corajosas), "que a onça gosta, de dormir de dia".

Assim, Baruzzi criou uma verdadeira mística do médico branco no meio dos índios. Sua obra já envolveu, nesses 25 anos, cerca de 500 médicos da EPM, desde nomes consagrados até garotos e garotas que enterraram seu coração nas curvas do rio Xingu. Em certos casos, no sentido literal da palavra, como o dentista Eduardo Matos Biral, que se apaixonou pela enfermeira Estela Wuker, sua colega de trabalho no Xingu. Os dois casaram e foram viver no Parque do Xingu, onde, durante muitos anos, viveram e cuidaram da saúde dos índios. Amanhã, as melhores histórias vividas pelos médicos paulistas nas matas do Xingu.